



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

THALITA CRISTINA DOS SANTOS

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS

ARIQUEMES

2020

THALITA CRISTINA DOS SANTOS

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Profa. Ma. Natalí Máximo dos Reis

ARIQUEMES

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

SA237d

SANTOS, Thalita Cristina dos .

Dependência emocional nos relacionamentos. / por Thalita Cristina dos Santos. Ariquemes: FAEMA, 2020.

49 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Natalí Máximo dos Reis.

1. Dependência afetiva. 2. Dependência amorosa. 3. Transtorno da Personalidade Dependente. 4. Relacionamentos. 5. Apego. I Reis, Natalí Máximo dos . II. Título. III. FAEMA.

CDD:150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

THALITA CRISTINA DOS SANTOS

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ma. Natalí Máximo dos Reis
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ma. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Ma. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 27 de outubro de 2020.

A Deus e aos meus pais por todo apoio, amor e dedicação oferecidos a mim, pois sem vocês não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo que fez ao decorrer dessa trajetória acadêmica, por me ofertar saúde, forças e amor. Agradeço aos meus pais, Jadiel Marques e Sandra Cristina, que sempre me apoiaram nas minhas decisões de estudo, me dando todo o suporte necessário para seguir em frente e tendo que segurar as “pontas” no trabalho para me dedicar aos meus estudos, sem vocês não chegaria aonde estou hoje! Sou imensamente grata pela pessoa que me tornei. Amo vocês.

Agradeço também a minha psicóloga, Karine Almeida, que me fez perceber minha afinidade com esse tema e explorá-lo na minha vida pessoal e acadêmica. A minha orientadora, Ma. Natalí Máximo dos Reis, que me incentivou com palavras doces a continuar este estudo e por toda motivação extra e claro, as correções, meus mais sinceros agradecimentos! Agradeço ao meu tio Alessandro de Oliveira e a minha prima Lorelayne dos Santos por me ajudarem com os últimos detalhes. Agradeço a minha pessoa por nunca ter desistido de prosseguir com o meu sonho de ajudar outras pessoas e mesmo tendo que enfrentar dificuldades nesses últimos 5 anos, me mantive firme e continuei persistindo nesta conquista. Afinal, não foi fácil. Ainda mais na elaboração deste estudo, devido à incerteza e ansiedade que a pandemia nos gerou este ano. Mas graças a Deus, minha família, a faculdade e amigos eu consegui continuar firme nesta batalha.

Aos meus amigos por não desistirem de mim durante esse período, compreendendo minha ausência e minha correria do dia a dia. Em especial, minhas amigas, Nicolý Bárbara, Samara Pilati e Amanda Kundzins por me darem apoio no dia a dia e se interessarem em ler meu trabalho, meus sinceros agradecimentos. Ao Artur Romão por toda assistência técnica e por ser uma pessoa maravilhosa na minha vida. As minhas amigas da faculdade, Lorryne Stopazzoli, Laís Regina e Naiandra Martins, por toda nossa dedicação e pela amizade que levarei para minha vida! Agradeço também a minha turma, 2016.1, por todo o aprendizado que me proporcionaram com seus relatos de experiência, vou sentir falta de vocês!

Aos docentes, meus agradecimentos. A minha primeira orientadora de TCC, Ma. Eliane Alves Almeida Azevedo por ter me instigado a pesquisar mais sobre meu tema e ter me dado ótimos conselhos profissionais, a coordenadora do

curso e minha supervisora de estágio Ma. Yesica Nunez Pumariega por todo o aprendizado nas supervisões, além de todo aprendizado na disciplina de TCC III, a docente que ministrou a disciplina de TCC I, Ma. Carla Patrícia Rambo Matheus, que nos acompanhou no projeto do TCC e nos deu todo o apoio e conhecimento necessários, além de ser uma base profissional que levarei para a vida e a doutora Rosani Aparecida Alves Ribeiro de Souza, que ministrou TCC II em meio à pandemia e por ser uma professora maravilhosa, sem deixar faltar dedicação e palavras de carinho e incentivo durante esse período. Aos demais docentes, Ana Cláudia, Hanns-muller, Gesica Borges, Luana Patrícia, Roberson Geovani e Jéssica Vale que marcaram minha trajetória acadêmica e contribuíram com minha formação.

Meus mais sinceros, agradecimentos. Vocês são demais!

El amor no es peligroso, la dependencia emocional, sí.

Ulises Sánchez.

RESUMO

A dependência emocional é definida pela necessidade do indivíduo em depender do outro para ser feliz e para tomar suas próprias decisões. O transtorno de personalidade dependente é caracterizado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V como uma tendência que esse indivíduo tem a depender do outro, necessitando de um cuidado excessivo, podendo apresentar também medo em ser abandonado. A dependência excessiva em qualquer tipo de relacionamento acarreta em prejuízos para a vida do indivíduo. O objetivo central deste estudo é descrever a dependência emocional dentro dos relacionamentos humanos. Esse estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, com caráter narrativo, sendo composta por uma análise de artigos científicos e livros sobre o tema. As bases de dados utilizadas foram Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google acadêmico, *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)* e Periódico eletrônico de psicologia (PEPSIC). Ao término deste estudo constatou-se que a dependência emocional pode criar raízes desde a infância e persistir até a vida adulta de um indivíduo, podendo resultar em graves prejuízos para a saúde mental. Embora muito popular no contexto amoroso, a dependência emocional pode ser apresentada em qualquer âmbito da vida do indivíduo, resultando em uma pessoa intensamente obsessiva e ansiosa em relação ao seu objeto de apego.

Palavras-chaves: Dependência amorosa; Transtorno da Personalidade Dependente; Relacionamentos.

ABSTRACT

Emotional dependency is defined by the individual's need of depending on others to be happy and make decisions by their own. Dependent Personality Disorder is characterized by the DSM-V Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders as someone's tendency to depend on others, requiring excessive care and also may present the fear of being abandoned. Excessive emotional dependence in any type of relationship causes damage to the individual's life. The main purpose of this study is to describe emotional dependence within human relationships. This study was carried out through a bibliographic research with a narrative character, consisting of an analysis of scientific articles and books about the subject. Virtual Health Library (VHL), Google academic, Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and Electronic Psychology Journal (PEPSIC) were used as database. At the end of this study was found that emotional dependency can start on childhood and persist until the individual's adult life, which can result in serious damage to mental health. Although very popular in a romantic context, emotional dependence can be present in any area of an individual's life, resulting in a person who is intensely obsessive and anxious towards their attachment figure.

Keywords: Emotional dependency; Attachment; Dependent Personality Disorder; Relationships.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
TPD	Transtorno de Personalidade Dependente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
3 METODOLOGIA	16
4 REVISÃO DE LITERATURA	18
4.1 DEPENDÊNCIA EMOCIONAL	18
4.2 TEORIA DO APEGO	23
4.3 RELACIONAMENTOS	26
4.3.1 Relacionamentos amorosos	27
4.3.2 Rompimento de uma relação amorosa	30
4.3.3 Ser solteiro x medo de ficar solteiro	31
4.3.4 Relacionamento familiar	33
4.3.5 Relacionamentos interpessoais	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

Desde seu nascimento, o ser humano necessita de uma segunda pessoa para sua sobrevivência, ou seja, desde bebê já é pertencente a um grupo ou uma díade¹ (LANE, 2006). Essa necessidade de cuidados na primeira infância é explicada melhor na Teoria do Apego estudada por John Bowlby e Mary Ainsworth. É nesta fase que os vínculos posteriores serão baseados, ou seja, a qualidade dessas futuras relações perseguirá o indivíduo ao longo de sua vida (GOMES; MELCHIORI, 2012).

É através da vivência grupal que os seres humanos vão construindo seu próprio eu, constatando diferenças e semelhanças entre as pessoas que convivem. Esse processo faz com que o indivíduo forme sua individualidade, a sua identidade social e sua consciência de si mesmo (LAURENTI; BARROS, 2000). Mas quando o indivíduo se prende ao outro, necessitando de constante aprovação e deixando sua identidade de lado, há grandes chances deste apresentar um transtorno da personalidade dependente. Dowling (2002) descreve em seu livro “Complexo de Cinderela” como a dependência é ameaçadora, pois enche o indivíduo de ansiedade e o lembra da infância, período que era realmente indefeso.

Uma das causas para a dependência na vida adulta vem da infância, onde um vínculo mal formado com a principal figura de apego traz prejuízos nos relacionamentos e tal situação faz com que o indivíduo procure em seu parceiro um amor e afeto que faltou quando criança. Mas há também outras explicações como o medo de perder ou a ansiedade de separação que fazem com que essa pessoa se fixe num amor dependente (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

Além da dependência amorosa, há também pessoas dependentes em outros tipos de relacionamentos, como o familiar e de amizade. Segundo Guimarães e Silva Neto (2015), adultos dependentes costumam depender de opiniões externas, como de seus cuidadores, amigos ou cônjuge para decidir sobre situações cotidianas como qual roupa vestir até as mais complexas como com quem fazer amizades. O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V (2014) define o transtorno da personalidade dependente, que surge no início da vida adulta, como indivíduos com comportamentos dependentes

¹ Segundo o dicionário de português *Díade* grupo de dois, par.

e que acreditam que não sobreviveriam sem a ajuda do outro.

Tendo em vista tal temática, esse estudo buscou realizar uma pesquisa bibliográfica com caráter narrativo, a qual foi inspirada em obras sobre a dependência emocional nos relacionamentos humanos. Foi utilizado artigos científicos, livros e demais materiais virtuais para o entendimento do assunto, assim como sua discussão. A partir da revisão de literatura buscou responder a seguinte problemática: Quais são as causas da dependência emocional? Como é caracterizada a dependência emocional nos relacionamentos? Portanto, como objetivo, o presente estudo buscou descrever a dependência emocional dentro dos relacionamentos.

O estudo foi fundamentado em autores como Bowlby, Bution, Dowling, Sirvent e Wechsler, entre outros pensadores que realizaram estudos pertinentes sobre a dependência emocional, o apego e relacionamentos. É importante ressaltar que durante a construção do projeto de pesquisa percebeu-se que a dependência emocional tem várias origens e pode ser vista em diferentes âmbitos, resultando na curiosidade de ampliar mais o conhecimento desta pesquisadora.

Desde adolescente, essa pesquisadora tem muito apreço pelo romance e assuntos que o cercam. Por isso que no primeiro momento essa pesquisa iniciou-se voltada para os relacionamentos amorosos. Mas, durante as leituras sobre o tema percebeu-se que a dependência emocional era muito mais ampla. Outro fato que expandiu o interesse pessoal foi o assunto ter surgido em terapia, o que permitiu ampliar a curiosidade e a afinidade com o tema.

Para além da justificativa pessoal, a relevância social desta pesquisa baseia-se na dimensão dos relacionamentos humanos, que estão presentes no âmbito familiar, escolar, amoroso, organizacional e social, além das plataformas virtuais, onde há as expressões de identidade e diálogos virtuais, e por tal motivo se contempla a importância que um estudo desses teria para a sociedade por se tratar de um estudo embasado em diferentes estudos.

Para o campo acadêmico e da ciência esse estudo se torna de importância, pois reuniu em um único trabalho diferentes exemplos de dependência nos relacionamentos humanos que é muito subjugado acontecer apenas no campo amoroso. Além disso, esse estudo contribui ao campo psicológico mais uma visão acerca do transtorno da personalidade dependente, reunindo também outras obras que se interligam com essa temática.

O estudo foi dividido em capítulos, sendo o primeiro denominado dependência emocional, que buscou conceituar a dependência emocional dentro dos relacionamentos, o segundo sobre a Teoria do Apego e seus principais conceitos, e o terceiro buscou retratar sobre os relacionamentos humanos, tais como o relacionamento familiar, amoroso e social.

2 OBJETIVOS

2.1 PRIMÁRIOS

Descrever a dependência emocional dentro dos relacionamentos.

2.2 SECUNDÁRIOS

- Apontar as principais causas da dependência emocional;
- Relacionar a dependência emocional da infância com a dependência emocional na fase adulta;
- Caracterizar a dependência emocional nos relacionamentos interpessoais, familiares e amorosos.

3 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, com caráter narrativo. A pesquisa bibliográfica é utilizada em grandes partes dos trabalhos e tem como propósito oferecer ao pesquisador uma ampla variedade de estudos científicos sobre seu tema, a fim de contribuir com diferentes visões acerca do assunto e ampliar seu conhecimento.

Através desta metodologia o pesquisador pode recorrer a outros estudos publicados anteriormente, como livros e artigos científicos, desde que tome consciência de utilizar obras diversas para responder sua pergunta-problema (GIL, 2002). Segundo o autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa é justamente quando o pesquisador precisa de dados que estão dispersos e se o mesmo “tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas” (p. 45).

O pesquisador precisa tomar certos cuidados com sua pesquisa bibliográfica, como verificar os dados obtidos, exercendo o papel investigativo em busca do conhecimento, analisando as informações coletadas, com intuito de descobrir contradições nas fontes utilizadas, aproximando de um resultado mais coerente possível (GIL, 2002; PIZZANI et al., 2012).

Para a realização de uma pesquisa bibliográfica é necessário que o pesquisador siga determinados passos, como “delimitação do tema-problema, levantamento e fichamento das citações relevantes, aprofundamento e expansão da busca, relação das fontes a serem obtidas (primária, secundária e terciária), localização das fontes, leitura e sumarização e redação do trabalho” (PIZZANI et al., 2012, p. 57).

Rother (2007, p. 2) define a revisão narrativa como “publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou estado da arte de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual”. É uma análise das biografias publicadas em livros, artigos de revistas e demais fontes de informação. Essa categoria permite o leitor atualizar seu conhecimento, mas não se trata de uma metodologia que permite sua reprodução, pois é caracterizada como uma pesquisa qualitativa.

Esse estudo utilizou-se fontes de pesquisa secundária e terciária. Os materiais utilizados para a realização deste trabalho foram artigos científicos

digitais, livros físicos e virtuais, entre os anos 1989 a 2020, incluindo textos clássicos. Os artigos foram retirados de plataformas de bases de dados como Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google acadêmico, *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)* e Periódico eletrônico de psicologia (PEPSIC), nos idiomas inglês, espanhol e português. As palavras-chaves pesquisadas para realização deste trabalho foram: dependência, emocional, afetiva, apego, amor, amorosa, relacionamentos, família, amizade, trabalho, grupos, medo, solteiro, co-dependência e dependente. Já os descritores utilizados foram: dependência psicológica e Transtorno da Personalidade Dependente.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 DEPENDÊNCIA EMOCIONAL

Quando se ouve falar em dependência é comum associar esse termo ao uso de substâncias ilícitas, como usuários viciados em drogas psicoativas. Porém, o termo dependência também está relacionado outros tipos de dependências, como as de sentimentos ou relacionamentos. A dependência emocional ou afetiva tem ganhado atenção de muitos pesquisadores ao longo dos últimos anos (BUTION; WECHSLER, 2016).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V (2014) aborda sobre o Transtorno da Personalidade Dependente (TPD), classificado pelo F60. 7, como aquele indivíduo que tem uma tendência a depender do outro, necessitando de um cuidado excessivo, apresentando também medo em ser abandonado ou que ainda costume a ser submisso em diversas situações, além de buscar uma relação que ofereça atenção e apoio. Esse transtorno surge no início da vida adulta e tem como critérios diagnósticos, pessoas que:

1. Tem dificuldades em tomar decisões cotidianas sem uma quantidade excessiva de conselhos e reassseguramento de outros.
2. Precisa que outros assumam responsabilidade pela maior parte das principais áreas de sua vida.
3. Tem dificuldades em manifestar desacordo com outros devido a medo de perder apoio ou aprovação. (Nota: Não incluir os medos reais de retaliação.)
4. Apresenta dificuldade em iniciar projetos ou fazer coisas por conta própria (devido mais a falta de autoconfiança em seu julgamento ou em suas capacidades do que a falta de motivação ou energia).
5. Vai a extremos para obter carinho e apoio de outros, a ponto de voluntariar-se para fazer coisas desagradáveis.
6. Sente-se desconfortável ou desamparado quando sozinho devido a temores exagerados de ser incapaz de cuidar de si mesmo.
7. Busca com urgência outro relacionamento como fonte de cuidado e amparo logo após o término de um relacionamento íntimo.
8. Tem preocupações irrealistas com medos de ser abandonado à própria sorte (DSM-V, 2014, p.675).

Possivelmente para muitas pessoas a dependência não é vista como um transtorno sério, mas observando apenas alguns desses comportamentos que compõe os critérios diagnósticos do manual já se pode perceber como são prejudiciais para a independência do sujeito, pois até mesmo nas situações mais simples, o indivíduo depende e necessita do amparo do outro. Isso se torna preocupante, pois em muitos relacionamentos a pessoa que tem esse poder de controle pode prejudicar o outro emocionalmente e psicologicamente.

Se um indivíduo que já tem tendência à dependência se relacionar com

alguém abusivo pode ter ainda mais dificuldades em romper essa relação, pois passa a sofrer manipulação e em muitos casos nem percebe que aquilo faz parte de uma relação abusiva, pois pode ver esse “cuidado” agressivo como uma forma de amor também.

O TPD pode apresentar tanto em homens quanto mulheres, porém, é mais comum acometer mulheres (BASTOS; SANTOS; STEIN, 2014). Os indivíduos dependentes apresentam falta de autoconfiança, baixa autoestima e se sentem inferiores em qualquer atividade que venham a realizar sem o auxílio do outro, além de que se submetem às ordens de outros quando são repreendidos, no intuito de serem aceitos (PESSOAS..., 2018). Segundo a Dra. Maria Fernanda Caliani (2018), as causas ainda não foram bem definidas, mas acredita-se que uma experiência de vida negativa somada à vulnerabilidade social com o aumento da ansiedade seriam um dos fatores, além de casos de filhos superprotegidos por seus genitores.

A partir dos critérios do TPD no DSM, alguns estudiosos aprofundaram ainda mais seus estudos. Como Moral e Sirvent (2008) que retratam a dependência emocional como a incapacidade do indivíduo de romper laços afetivos, a intensidade em suas demonstrações de amor e carinho, assim como sentimentos de culpa, vazio e o medo do abandono. Uma pessoa dependente emocionalmente tende a assumir uma posição submissa, podendo ignorar suas próprias necessidades a fim de satisfazer o outro, podendo também aceitar desprezo e humilhação.

A dependência emocional também pode ser caracterizada por outros comportamentos, como a possessividade e ciúmes excessivos, em relacionamentos amorosos, fazendo com que o indivíduo dependente se torne uma pessoa tóxica em seus relacionamentos, por sempre querer atenção, de forma disfuncional (SOPHIA, 2008).

A Dra. Maria Fernanda Caliani fala no canal Neurologia e Psiquiatria TV (2018) que uma pessoa com o transtorno da personalidade dependente também apresenta ansiedade em seu quadro. Esse indivíduo necessita ter uma figura de confiança para se sentir emocionalmente seguro e confortável. Normalmente, na fase adulta, um indivíduo com TPD depende de um de seus genitores ou do seu cônjuge para tomar decisões e iniciar projetos. Essa pessoa de confiança é tão importante para este indivíduo, que o mesmo sem perceber é capaz de abrir mão

de seus sonhos por essa pessoa. Além disso, é comum passar a vida em uma incessante busca por um parceiro que saiba lidar com sua vida melhor que ela, que possa apoiá-la e defendê-la. Os companheiros acabam sendo idealizados como perfeitos e alguém sem defeitos (PESSOAS..., 2018).

Sirvent (2000) classifica as Dependências de Relacionamentos em genuínas e mediadas. As dependências genuínas estão relacionadas quando há a existência de apenas uma patologia referente à dependência afetiva, compreendendo a dependência emocional, o apego ansioso e transtornos de personalidade (dependente, antissocial, etc.). E as dependências mediadas são caracterizadas pela co-dependência e bidependência e referem-se aos indivíduos adictos, isto é, aquelas pessoas que são viciadas em drogas, álcool ou jogos de azar, ou também pode se referir a indivíduos que convivem com um sujeito adicto.

Desse modo, as dependências de relacionamentos ou dependências emocionais são caracterizadas pela dependência de amor, interdependência, dependência afetiva, etc. Também podem ter motivos secundários, como vícios caracterizados pela co-dependência e bidependência (SIRVENT, 2000). O autor explica que quando um indivíduo sem vícios patológicos se envolve com uma pessoa com vícios a relação é chamada de codependência e caso for um indivíduo adicto se relacionando com outras pessoas é chamado de bidependência.

Riso (2014) pontua em um dos seus livros sobre a dependência afetiva. Quando se depende de uma pessoa que se ama, o autor afirma que é o mesmo de se morrer em vida, pois seu amor-próprio, o auto-respeito e toda a essência daquele indivíduo serão ofertados ao seu objeto de amor irracionalmente, o fazendo viciar neste amor a ponto de tornar uma continuação desse outro. O autor cita o exemplo de uma paciente sua que era frequentemente violentada verbalmente e que o motivo para não deixar seu parceiro era que o amava, mas acreditava que o terapeuta a ajudaria a parar de amá-lo. Nestes casos, o melhor a se fazer é tratar o transtorno semelhante a pacientes viciados em drogas, ao qual se deve abandonar o vício independente de sua vontade.

Dessa forma, a terapia vai trabalhar com esse indivíduo o autocontrole, para que mesmo que ele venha a precisar do seu objeto do vício, ele venha saber lidar com ele. Nos casos amorosos, o terapeuta afirma que é necessário que seja investigado a causa do medo irracional, melhore a autoestima e auto eficácia e

auto-respeito desse paciente (RISO, 2014).

Em casos de rompimentos ou até o luto, há muitos casos em que o indivíduo dependente sente a necessidade de engatar em uma nova relação para preencher aquele vazio deixado pelo outro, mesmo que em outro momento tenha amado imensamente e declarado que não poderia viver sem aquela pessoa (PESSOAS..., 2018).

Em 1980, o termo complexo de cinderela foi utilizado pela primeira vez pela psicóloga Colette Dowling (2002) para retratar a dependência feminina e o desejo inconsciente dessas de necessitarem dos cuidados de uma segunda pessoa. A autora baseou sua tese em sua própria experiência e também observando outras mulheres. Ela concluiu que essa dependência do outro nasce e acompanha a mulher desde a infância até a fase adulta. O termo que nomeia seu livro foi baseado em:

Uma rede de atitudes e temores profundamente reprimidos que retém as mulheres numa espécie de penumbra e as impede de utilizar plenamente seu intelecto e sua criatividade. Como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar suas vidas (DOWLING, 2002, p. 20).

Com tal citação, a autora passa a ideia de que as mulheres com esse complexo da cinderela precisam ser salvas por alguém para serem felizes. Essa necessidade imposta culturalmente é outro exemplo claro de dependência, pois em sua obra é demonstrado vários exemplos de mulheres adultas, inclusive a mesma, que se escondem atrás de seus casamentos ou filhos e acabam se tornando dependentes, com medo de se exporem para realização de seus sonhos.

No estudo de Zani e Valerio (2004) um exemplo claro sobre o transtorno da personalidade dependente em contextos familiares pode ser observado na vida de uma jovem de 24 anos que optava em deixar todas as decisões de sua vida para sua mãe e outros membros de sua família, necessitando do apoio de sua família até para situações do dia a dia. Se apresenta também quando um dos familiares é extremamente apegado no outro, podendo ser além de apegado, obsessivo ao ponto de incomodar esse membro da família.

A dependência por parte dos pais é apresentada com o excessivo controle e cuidado que os genitores apresentam com sua prole. Já por parte dos filhos se apresenta na constante necessidade de aprovação e o medo de agir de determinado jeito com medo de prejudicar a relação (PSICOLOGIAS..., 2017). Em

adolescentes, que estão próximos a idade adulta também é comum observar comportamentos dependentes em relação a que faculdade ou curso irá fazer no futuro (PESSOAS..., 2018).

A Dra. Elizabeth Zamerul (2018) afirma que também existe dependência afetiva em relacionamentos de amizade. Sinais como ter um único amigo para apoiar-se e atender suas necessidades a todo momento, se sentir ameaçado quando esse amigo em especial entra em uma nova relação, seja romântica ou de amizade, se sentindo até desprezado por essa pessoa ter uma nova pessoa e com medo de perder são alguns dos critérios que podem indicar uma dependência emocional.

A psiquiatra também alerta para outros sinais como o fato de estar sempre à disposição dessa pessoa, como um modo de se sentir útil ou quando essa pessoa está com um humor alterado, o indivíduo dependente se sobrecarrega a ponto de estragar seu dia com a problemática do outro. Algo muito visto também é não permitir que esse amigo fale com pessoas que não são do mesmo convívio ou se sentir culpado quando precisa se ausentar ou sair com outras amigadas.

Dowling (2002) fala sobre a capacidade que a mulher tem há anos e culturas atrás de se modificar em prol do bem-estar de seu marido e filhos. Porém, mesmo com essa facilidade em ser multitarefas, as mulheres apresentam um alto desvalor e falta de confiança ao desempenhar papéis profissionais, se sentindo inseguras até ao se arriscar ou competirem com papéis masculinos. Dentro destes exemplos, outra fala que se encaixa é a da Dra. Maria Fernanda Caliani (2018), que pontua que as pessoas com TPD podem até se boicotar, com medo de aparentar ser mais que o outro, com medo de ser abandonado ou desprezado.

Riso (2015) pontua que há um grande número de pessoas que são dependentes emocionais e nem sabem. Pessoas com relação de dependência entregam-se em busca de satisfação e segurança, gerando uma sensação falsa de autorealização. O autor afirma que não é abandonar todas as pessoas e viver em isolamento, pois de certa forma todos os seres humanos vivem com algumas dependências obrigatórias, como quando vai ao médico e depende do trabalho deste profissional ou quando estuda e depende do professor. Essas são dependências saudáveis.

Muito se é discutido sobre a relação entre a dependência e o apego. Bowlby (2002) descreve que a dependência nos relacionamentos interpessoais é

uma condição a ser evitada, mas o apego é visto por muitos como uma condição a ser valorizada. Quanto ao apego, Bowlby (1989) afirma que apesar do comportamento de apego ser mais comum de se observar na primeira infância, ele acompanha o ser humano ao longo de sua vida.

Mas uma experiência dependente adquirida ainda na infância pode levar o indivíduo a estabelecer em sua vida adulta um sistema de apego com seu par romântico com intuito de preencher algo em seu interior (RODRIGUES; CHALHUB, 2009), servindo como uma espécie de motivação. Os autores relatam também que um indivíduo com o apego ambivalente pode desenvolver um amor dependente, marcado pelo medo de ficar sozinho, mesmo que esse relacionamento seja prejudicial. Essa ambivalência de sentimentos originado na primeira infância é caracterizada pela criança que cresceu com esse apego inseguro e não consegue se distanciar de uma relação mesmo ela sendo insatisfatória.

4.2 TEORIA DO APEGO

O desenvolvimento saudável de uma criança é marcado pela presença materna ou por outro indivíduo que faça esse mesmo papel, sendo responsável pela construção desta pessoa desde os primeiros anos de vida. Outro aspecto marcante neste primeiro momento é que desde os primeiros meses de vida, o bebê já busca um apoio emocional com sua figura de apego (MOZZAQUATRO; ARPINI; POLLI, 2015).

Com base nisso, uma teoria bastante conceituada que foi desenvolvida a partir da segunda metade do século XX foi a Teoria do Apego de John Bowlby, psiquiatra infantil e psicanalista inglês com as contribuições de Mary Ainsworth, psicóloga canadense que estudaram o apego em humanos (GOMES; MELCHIORI, 2012; AUGUST; ESPERANDIO, 2015).

Bowlby (1989) descreve o comportamento de apego como a forma que uma pessoa tende a se aproximar de uma figura de identificação, quando essa busca se sentir segura ou está em sofrimento. O autor ainda destaca como é importante uma criança ter uma base segura na infância. Os cuidadores precisam influenciar autonomia durante o crescimento do filho, com propósito de diminuir a dependência com o passar dos anos.

Anteriormente a Bowlby, houveram estudos com a mesma base, só que

com animais, demonstrando a ideia de vínculo (AUGUST; ESPERANDIO, 2015), alguns dos animais estudados segundo a pesquisa de Gomes e Melchiori (2012) eram patos, gansos e até macacos que estavam frequentemente em busca de aproximação de suas figuras maternas, além disso, foi observado também que ao serem privados de suas mães começavam a se comportar de modo atípico em relação aos filhotes que foram criados com a figura materna.

Bowlby postulou que na vida de todo ser humano acontece a vinculação que consiste em um afeto que se tem às figuras próximas. Quando bebê essa vinculação se dá de forma unidirecional, ou seja, à figura parental são confiadas características de protetor pelo fato deste bebê não conseguir sobreviver sem a mãe. Já quando adultos essa vinculação passa a ser recíproca. Sendo assim, esse processo é considerado inato do ser humano, e visto de uma ótica evolucionista (MELO, 2004). As formas de vínculos são diferentes em relação a uma pessoa ou a outra e os vínculos mais fortemente formados são aqueles que envolvem os pais e sua geração (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

Conforme Ramires e Schneider (2010) muitas confusões foram observadas quando relacionado o apego a um comportamento, tomando assim a Teoria do Apego como parte do Behaviorismo, porém, existem algumas diferenças: o apego nada mais é do que um “estado interno” e a presença do mesmo pode ser vista através dos comportamentos de apego que têm função de preservar esse relacionamento com o objeto de apego. O comportamento de apego pode ser apresentado a uma diversidade de sujeitos, logo, um apego mais resistente e seguro é limitado a poucos indivíduos.

Após a interação com seu zelador primário, a criança “depois se generalizará nas expectativas sobre si mesmo, dos outros e do mundo em geral, com implicações importantes na personalidade em desenvolvimento” (DALBEM; DELL'AGLIO, 2005, p.15). Isso quer dizer que a criança criará dentro de si mesma um projeto conforme foi zelada, e esse projeto vai ser a base para as interações futuras, mais tarde entre adulto e adulto (BOWLBY, 2004; DALBEM; DELL'AGLIO, 2005).

De acordo com Rodrigues e Chalhub (2009), indivíduos que têm uma base segura em sua infância esperam encontrar alguém que lhe dê respaldo quando algo de aversivo acontecer, quando adultos. Assim, o cuidado quando pequeno vai ditar o padrão de comportamentos e relações que este sujeito virá a possuir

posteriormente. Os primeiros padrões podem ser de apego seguro, inseguro-ansioso e inseguro-ambivalente.

O apego seguro é quando a pessoa teve uma base familiar forte e esta vai se sentir confiante em se relacionar com outras pessoas. O indivíduo inseguro é porque não teve uma base familiar sólida e isso acarreta numa insegurança para relacionamentos com terceiros também, por isso acabam muitas vezes fugindo de interações com outros indivíduos. Já os sujeitos ambivalentes, estiveram imersos em uma confusão sentimental decorrida da não padronização no modo de cuidar, assim eles irão voltar sua atenção para as outras pessoas e se sentirem inferiores e com autoestima baixa, tendo uma maior tendência a uma correlação exagerada com as pessoas, mas não caracteriza relacionamentos duradouros (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

Quando Younes (201-) pesquisou sobre a Teoria do Apego e seu impacto na vida amorosa das pessoas constatou que a forma como alguém se apega a sua figura romântica é a mesma forma que se apegou aos pais na infância. Um exemplo disto é que quando a criança não recebeu a atenção necessária na infância e se sentiu abandonada, a mesma desenvolve um modelo de apego ansioso e acaba levando esse modelo para sua vida adulta. Entretanto, mesmo que a criança desenvolva um tipo de modelo de apego na infância, esse pode vir a mudar no decorrer de sua vida, conforme as situações de sua vida.

Os modelos de apego adulto estão associados a padrões de resposta à ansiedade. Pessoas com apego seguro conseguem controlar melhor seus sentimentos negativos, já indivíduos com apego ansioso ou evitativo tendem a não terem muita consciência de seus sentimentos negativos e possuem poucas manifestações de raiva e ansiedade, pois aprenderam reduzir seus conflitos evitando-os (FEENEY; NOLLER, 2001). Os indivíduos com apego ansioso ambivalente sentem sentimentos conflitantes, pois embora tenham consciência de seus sentimentos negativos podem apresentar reações diferentes: medo, raiva e até comportamentos de esquiva quando estão em contato com a figura de apego novamente (FEENEY; NOLLER, 2001; BRAOJOS, 2014).

Riso (2015) define o apego como conexão mental e emocional, normalmente, obsessiva a indivíduos, objetos, afazeres ou qualquer outra posse que se possa apegar irracionalmente, com intuito de se satisfazer e sentir-se seguro. O autor postula também que o apego corrompe o indivíduo, pois leva o

mesmo a realizar qualquer ato para não perder seu objeto de dependência, tornando-o escravo de suas próprias necessidades. O terapeuta ainda pontua que no ocidente, o apego era compreendido como uma forma de afeto por alguém. A própria psicologia retrata sobre o apego e é apresentado como um vínculo entre criança e seus genitores. Já no oriente, o apego tem um sentido negativo, pois se trata de um vício e é causador do sofrimento.

Para Bowlby (2004), o apego se organiza em sete qualidades: Especificidade, ontogenia, envolvimento emocional, duração, função biológica, aprendizagem e organização. A especificidade diz respeito à escolha inconsciente para quem o comportamento de apego será direcionado, ou seja, as preferências são claramente estabelecidas. Na ontogenia, dentro do desenvolvimento do indivíduo, o comportamento de apego começa a ser vivenciado desde a concepção como uma busca de se afastar do perigo e vai até se iniciar a liberdade motora. O envolvimento emocional dita que depois de criar, manter, dissolver e restabelecer os vínculos de apego, algumas emoções vão surgir. A duração refere-se que o apego persistirá durante toda a vida. A função biológica remete ao apego como característica inata, o indivíduo vai buscar sempre por proteção e segurança. A aprendizagem relaciona-se com essa convivência com uma figura parental que possibilita à criança uma aprendizagem para se adaptar ao meio, através da observação. Já a organização tem a ver com o decorrer do desenvolvimento, onde a criança experiencia o segmento de expectativas sobre si mesmo, dos outros e do mundo em geral (DALBEM E DELL'AGLIO, 2005).

4.3 RELACIONAMENTOS

É quase que impossível um ser humano viver sem nunca ter experienciado um relacionamento em sua vida. Salvo aqueles casos em que foram encontrados indivíduos distintos sobrevivendo em selvas e outros locais incomuns. Desde a antiguidade, o ser humano é alguém que necessita de boas relações para se ter uma vida agradável, seja de forma romântica, social ou familiar, esse necessita de habilidades sociais para conquistar um lugar na sociedade. Portanto, a seguir foi coletado variadas visões de estudiosos sobre os relacionamentos mais corriqueiros, entre eles, os relacionamentos românticos, familiares, interpessoais e até explanado sobre o ser solteiro.

4.3.1 Relacionamentos amorosos

Ao contextualizar a história da humanidade, observa-se que os relacionamentos amorosos, a paixão e o amor apresentavam diferentes significados ao decorrer dos séculos. Desde a Grécia Antiga, época do famoso filósofo e matemático Platão já havia relatos sobre o amor. Sua obra *O Banquete* escrita aproximadamente em 380 a.C relata um mito acerca da origem dos seres humanos, quando estes eram seres com dois rostos, quatro mãos, quatro pernas, quatro orelhas e duas genitálias sendo compostas por dois dos três gêneros, o masculino, o feminino e o terceiro andrógino².

Após esses seres tramarem para dominar o Olimpo³, Zeus tomou a decisão em cortar seus membros transformando-os em dois seres, tornando-os assim mais fracos. Posteriormente, quando esses seres tentavam-se encontrar e se unir, devido à localização das suas genitálias não era possível, o que estava começando resultar na extinção da espécie. Por isso, Zeus conseguiu que o sexo fosse alterado para a frente do corpo, abaixo do umbigo, possibilitando a reprodução de um herdeiro quando ambos os gêneros (masculino e feminino) se unissem (PLATÃO, 2003).

A psicopatologia do amor no que se refere ao conceito de “amor complementar” pode ser explicada pelo mito grego descrito por Platão. Pois a junção de ambos os sexos eram descritos pelo filósofo como um meio de se completarem (SOPHIA, 2008). Até a origem dos termos “alma gêmea” e “metade da laranja” podem ser originados deste mito, onde há essa necessidade de um indivíduo complementar o outro, como se apenas juntos fossem completos.

Descartes (1649/1973) em sua obra intitulada ‘*As paixões da alma*’ descreve um conceito amplo sobre o amor. No art. 56, retrata que sentir amor é quando algo bom e conveniente é apresentado ao indivíduo, logo, esse passa a ter amor por isso. No art. 79, o filósofo define o amor como “uma emoção da alma causada pelo movimento dos espíritos que a incita a unir-se voluntariamente aos objetos que lhe parecem convenientes” (p. 257). Já no art. 81, Descartes traz a

² Gênero distinto em sua forma, diferenciando dos gêneros atuais.

³ Morada dos deuses gregos.

distinção de duas espécies de amor, sendo o amor de benevolência e o amor de concupiscência. O primeiro é aquele amor que faz o indivíduo querer o bem daquele que ele ama e o segundo faz o desejar esse que ele ama. No art. 82, o autor faz alusão ao amor puro, que é aquele onde não se espera nada do objeto amado e que se espera só o bem assim como deseja o bem a si mesmo.

O amor é um objeto de estudo até os dias de hoje. Compreende-se que no decorrer dos anos, o relacionamento amoroso era visto como uma forma de continuação da espécie, fortalecimento político através de casamentos arranjados, romantismo (RÜDIGER, 2012) e atualmente é visto como relacionamentos muito passageiros (BAUMAN, 2004; SMEHA; OLIVEIRA, 2013) e individualistas (LIMA; ALMEIDA, 2016).

Para muitos autores contemporâneos, o amor é um sentimento complexo e com muitos significados. Rubin (1970) postula que o amor é considerado o sentimento mais profundo e significativo da humanidade. Costa (1998, p. 13) afirma que “o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas”. Sternberg (1986) pontua em sua teoria “Triângulo do amor”, que o amor é formado por três componentes, sendo eles: intimidade, paixão e decisão/compromisso. O amor também pode ser visto como uma das cinco necessidades básicas humanas propostas pelo modelo de Maslow (1943).

Bauman (2004) tem uma definição um tanto curiosa para o significado do amor. O autor compara o amor com um evento distinto, que assim como a morte que não tem história e não há como aprender, assim é o amor. Ele chegará sem um aviso prévio e atacará. Mas mesmo com a semelhança de ser um evento distinto, ainda há aqueles que se apaixonam com frequência. O autor chama atenção ao fato que em muitas dessas vezes de apaixonar e desapaixonar o indivíduo chama esse momento de amor. Antigamente, era muito comum o amor acabar até na morte que os separe, mas atualmente, apaixonar-se ou até amar podem ser vivenciadas muitas e muitas vezes. Esse fato de constância leva o autor a declarar que o amar de hoje se tornou uma habilidade que pode ser dominada pela prática. Mas não passa de uma ilusão, pois esse estilo de se relacionar leva a relacionamentos curtos, o que torna esse tipo de amor muito frágil.

Dentro da perspectiva psicológica, há inúmeros significados para o amor. Entre eles, Freud (1987, p. 83) com seu ponto de vista psicanalítico cita que “a

palavra amar desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre ego e o objeto, e finalmente se fixa a objetos sexuais [...] e àqueles que satisfazem as necessidades dos instintos sexuais sublimados”. Já para a comportamental, Skinner (2009) afirma que, o amor é caracterizado pelo reforço positivo dos comportamentos de amar, como por exemplo, o simples fato de estar com o outro, dividir sonhos e metas juntos.

Em um estudo realizado com pessoas intensamente apaixonadas por Fisher, Aron e Brown (2005) foi descoberto que os mecanismos neurológicos envolvidos em uma relação amorosa utilizam as mesmas vias neurais que ativam o sistema de recompensa e motivação dos indivíduos. Outro estudo que aborda sobre os neurotransmissores e o amor é a obra de Borges (2015) que constatou que as alterações fisiológicas relacionadas ao amor, como a euforia, embotamento do estômago, alterações do apetite e mudanças no sono eram vistas há séculos atrás. Exemplos dessa trajetória histórica podem ser vistas em poemas na antiguidade, nas obras de Shakespeare e Descartes e estudos mais recentes que comparam as reações de alguém amando com o uso de drogas. Os principais neurotransmissores relacionados às emoções do amor são a dopamina e serotonina.

Desde pequenos, os seres humanos são necessitados de uma figura externa para sua sobrevivência, conforme postula Bowlby (2002), na sua teoria da vinculação, mais conhecida como teoria do apego. E diante de tal perspectiva observa-se a necessidade que o ser humano tem de estabelecer laços afetivos, seja em contexto familiar ou amoroso.

De acordo com Lima e Almeida (2016), o relacionamento amoroso pode ser definido por uma relação entre duas pessoas de distintas famílias que se amam, podendo ser considerados namorados, cônjuges, companheiros, amantes ou ficantes. Entretanto, na atualidade, esses relacionamentos tendem a ser vistos como uniões com menor durabilidade de tempo, além de serem compostos por indivíduos menos tolerantes a conflitos, impacientes em vários aspectos e dirigidos pelo imediatismo (Smeha; Oliveira, 2013).

Segundo Guedes e Assunção (2006, p. 410), em uma relação é necessário uma reciprocidade de ambos, pois é essa particularidade no relacionamento que irá auxiliar no fortalecimento do vínculo de ambos. De acordo com os autores, “se não há reciprocidade, vive-se solidão a dois e logo surge a preferência pelo

desenlace da relação”.

Segundo Smeha e Oliveira (2013), com o decorrer dos anos os relacionamentos amorosos têm assumido novas configurações. Na atualidade, os relacionamentos românticos encontrados na sociedade contemporânea são em sua grande parte relacionamentos nos âmbitos virtuais (SCHMITT; IMBELLONI, 2011), onde a maioria dos diálogos ocorre on-line pelas plataformas tecnológicas, principalmente, nas redes sociais.

No livro as cinco linguagens do amor de Chapman (2013), obra que ficou muito famosa em diversos países do mundo, inclusive, no Brasil foi explanado sobre o amor, o casamento e as cinco linguagens do amor. Sobre as linguagens do amor: a primeira linguagem é denominada como “palavras de afirmação”, a qual se refere aos elogios e palavras que afirmem o quanto o outro faz bem ao seu amado. A segunda linguagem é chamada de “qualidade de tempo” e é definida pelos momentos de atenção e tempo que o indivíduo passa com seu parceiro. É um processo de dedicação conjunta, sem distrações externas. Já o terceiro tipo de linguagem é conhecido como “receber presentes”, que está relacionado ao próprio ato de dar presentes à pessoa do seu afeto. Formas de servir é a quarta linguagem descrita pelo autor, caracterizada como as formas de agraciar o cônjuge, expressando o amor através de serviços que sabe que deixará o mesmo contente, como cozinhar, levar o lixo para fora, trocar o bebê, entre outros. A quinta e última linguagem é conhecida como “toque físico”. O toque é uma forma de comunicação estudada e observada nos seres humanos há centenas de anos. Neste tipo de linguagem a relação sexual é vista como algo essencial para a demonstração do amor, mas não apenas isso, mas qualquer toque será visto como um gesto do coração (CHAPMAN, 2013).

4.3.2 Rompimento de uma relação amorosa

Quando há o rompimento de uma relação afetivo-amorosa, é comum que haja um sofrimento por parte do indivíduo ou de ambos, similar ao sofrimento visto durante um luto. Infelizmente, não é possível identificar a duração desse luto. (GIUSTI, 1987). A recuperação do equilíbrio emocional desses indivíduos requer um enorme gasto de energia psíquica, que acaba provocando um desgaste físico e nervoso (MARCONDES; TRIERWEILER; CRUZ, 2006). Dentro dessa perspectiva do luto, Freud (1987) pontua que:

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo - na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. (p. 143)

De acordo com Maldonado (1995)⁴ citado por Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), “a dor da separação é, com frequência, fisicamente sentida. São comuns as dores no peito e a sensação de peso, sufocamento e falta de ar” (p. 95). Outros aspectos de sofrimento envolvem alterações no peso, distúrbios sexuais, dificuldade para dormir e outros transtornos que afetam a saúde física e mental (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

O término de uma relação pode desencadear um sofrimento psíquico tão grande no indivíduo, podendo resultar em tentativas de suicídio ou no próprio ato, conforme os estudos de Brunhari e Moretto (2015). Segundo os autores Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), a tristeza profunda e a depressão costumam ser desencadeadas pelas mudanças de rotina, pois agora o indivíduo enfrenta um futuro desconhecido.

Sentimentos de culpa, ódio e indiferença pelo fim desta relação também são comuns neste período. De acordo com Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), “os sentimentos de ódio e frieza, nessas horas, surgem para suavizar ou neutralizar os sentimentos de pesar e de culpa, que talvez doam muito mais” (p. 96). Além disso, geralmente, quando o sujeito que foi deixado percebe que a decisão do término é definitiva costuma se sentir depressivo, se culpar, se autodepremir, ter pena de si mesmo e apresentar baixa autoestima (MARCONDES; TRIERWEILER; CRUZ, 2006).

4.3.3 Ser solteiro x medo de ficar solteiro

Difícilmente existe alguém que nunca ouviu durante alguma fase de sua vida que antigamente ser solteiro não era bem visto pela sociedade. Indivíduos solteiros eram vistos como seres solitários, infelizes e frustrados. Ainda no final do século XX, mesmo com todas as conquistas sociais ser solteiro era visto como uma anomalia, especialmente, se fosse mulher (GONÇALVES, 2017). Mas afinal,

⁴ MALDONADO, M. T. **Casamento: Término e Reconstrução**. São Paulo: Saraiva, 1995.

o que significa ser alguém solteiro? O significado do termo 'solteiro' remete a uma pessoa que não se casou.

Tavares (2008) postula que ainda nos dias de hoje é percebido a diferença entre um homem ser solteiro e uma mulher ser solteira. "Enquanto a mulher continua solteira, o homem está solteiro, pois a vida de solteiro, quando compara à vida de casado, oferece mais diversões e menos responsabilidades" (p.19). Até os dias de hoje essa diferença de ser solteiro como mulher ou homem é vista em diferentes culturas e contextos.

A perspectiva de que pessoas solteiras podem ser mais tristes pode ser visualizada na pesquisa de Adamczyk e Segrin (2015), que revelaram que o nível de solidão e satisfação foram menores se comparado aos dos indivíduos que estavam em um relacionamento amoroso. A falta de autoestima em decorrência de uma rejeição amorosa pode levar os indivíduos aceitarem pares românticos abaixo das expectativas estabelecidas em um passado por si mesmo (SPIELMANN et al, 2013).

Mas ser solteiro nos dias de hoje não significa que todos os indivíduos sem um relacionamentos seriam pessoas frustradas. Pois há também aqueles indivíduos que ignoram as pressões do outro e da sociedade e centram em suas próprias motivações, como o ficar solteiro. Pois, veem esse estado civil de uma forma positiva, marcada pela independência e liberdade emocional (ALMEIDA, 2015). Esse público costuma se tratar de pessoas seguras e cobiçadas, com padrões de vida elevados (DEPAULO, 2014).

As mulheres contemporâneas são capazes de se sustentarem sozinhas. Um dos fatos para não precisarem se casar precocemente, pois têm condições de se sustentarem sem a ajuda masculina (TREVISAN, 2003). Facilitando a escolha em ser solteira ou não. Almeida (2015) descreve em seu estudo sobre solteiros por opção e solteiros por circunstância. Tanto homens e mulheres que escolhem ser solteiros têm uma taxa alta de bem-estar, quando suas motivações em escolher esse estado civil são profundamente ligadas às suas necessidades reais, sem pressões, apenas ações voluntárias de suas próprias vontades.

Muitas pessoas ainda apresentam o medo de ficar solteiro mesmo durante essa era de individualismo. A preocupação, angústia ou ansiedade é vinculada a possibilidade de ficar sem um parceiro amoroso, isto é, a simples ideia do ser solteiro no futuro (SPIELMANN et. al, 2013). Esse medo pode ocasionar no sujeito

insegurança nas áreas físicas, sociais e emocionais, além de ser uma situação que costuma se agravar devido às pressões familiares e da sociedade, por causa da crença que se tem acerca de que o caminho certo para a felicidade é se ter um relacionamento amoroso (SCHWARTZBERG; BERLINER; JACOB⁵, 1995 *apud* FONSECA et al., 2017) ou devido ao entendimento que se tem que pessoas solteiras são pessoas mais tristes e solitários (FONSECA et al., 2017).

Ainda em 2020 é debatido sobre as questões de se relacionar ou não, ser solteiro ou casar-se. Observou-se que embora houvesse uma conquista neste aspecto ainda sim existe julgamentos e pressões no cotidiano que exigem do jovem solteiro que o auge da vida dele será quando for casado e tiver filhos. Mas até o ponto que isso irá de fato afetar o indivíduo vai depender de sua estrutura psicológica e mental.

4.3.4 Relacionamento familiar

A partir do século XIX muitos estudiosos declararam seu interesse pela história da família e seu impacto na sociedade e vida humana ao longo dos séculos (ALMEIDA, 2001). Acredita-se que na era primitiva a constituição que hoje conhecemos como família era formada por relacionamentos polígamos, ou seja, havia um homem com várias mulheres e os filhos, o modelo monógamo, um homem e uma mulher, só foi constituído muito tempo depois (AZEVEDO, 2013).

De acordo com Santana (2015, p.3), até meados do século IV d.C “a instituição familiar era uma unidade econômica, religiosa, política e jurisdicional”, onde quem tinha o poder sob seus familiares era o chefe da família. Nos dias atuais é popularmente conhecido, especialmente, em histórias de romances de época ou nas histórias repassadas de geração a geração de como eram constituídas as famílias no passado, com casamentos arranjados que tinham como visão status e lucro, além da reprodução de descendentes.

Mas qual é a origem do conceito de família? Ela vem do latim *famulus* e tem um sentido de um grupo de servos que estão sob comando de um patrão. Era definida pela família patriarcal rural (ALMEIDA, 2001; AZEVEDO, 2013; SANTANA, 2015). Ou seja, era comum que o marido era o chefe de uma família tendo o direito de liderança sob todos aqueles pertencentes a esse grupo, como

⁵ Schwartzberg, N., Berliner, K., & Jacob, D. Single in a married world: A life cycle framework for working with the unmarried adult. New York: W. W. Norton & Company. 1995.

esposa, filhos e demais funcionários de suas propriedades.

Segundo Casarin e Ramos (2007), um novo modelo de família passou a ser visto nas últimas décadas do século XIX, ao qual era caracterizados por uma família formada por pai, mãe e poucos filhos. “O homem continua detentor da autoridade, enquanto a mulher assume uma nova posição: dona de casa” (p. 183). Segundo os autores, mais mudanças começaram a ocorrer após a Revolução Industrial e a Segunda Guerra Mundial, onde as mulheres começaram adentrar no mercado de trabalho.

Na época da colonização do Brasil, a família era caracterizada pelo modelo patriarcal e os casamentos eram voltados para interesses econômicos. A mulher tinha o papel de cuidar da casa e ficar responsável pela educação de sua prole (CASARIN ;RAMOS, 2007). Pequenas mudanças começaram a acontecer a partir da década de 1690, com a descoberta das minas de ouro no país. Nesta época, muitos aventureiros migraram para essa terra, o que resultou também na expansão de diversas raças, dificultando ainda o controle por parte da Igreja e da Coroa Portuguesa. Um marco neste período foi que as mulheres não exerciam apenas atividades domésticas, mas também outras atividades econômicas. Também era comum que solteiras com filhos chefiassem seus lares (SAMARA, 2002).

A Constituição Federal de 1934, no artigo 144, colocava a família sob proteção especial do Estado, sendo que a mesma precisava ser constituída pelo casamento indissolúvel. A partir da Constituição Federal de 1988 ficou permitido outras configurações de famílias (SANTANA, 2015). O capítulo VII, da Constituição Federal de 1988 traz informações acerca “Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso” conforme afirma no artigo, 226, §3º e §4 que:

Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento. §4 Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Essa constituição também passou a reforçar outros cuidados e deveres, tanto do Estado quanto dos próprios integrantes da família. Outro aspecto importante visualizada na Constituição de 1988 é referente a possibilidades do divórcio, que até então, não era considerado pelo Estado (BRASIL, 1988; SANTANA, 2015). Ou seja, antes deste período “até que a morte os separe” era

levado a sério. Casar-se e constituir uma família eram uma obrigação em prol também do Estado e sociedade.

A realidade das famílias de hoje é bem diferente de antigamente. É como descreve Petrini (2005) em seu estudo sobre as mudanças sociais e familiares. Pois, atualmente, as relações são vistas como bastante individuais, a independência econômica compartilhada, a igualdade social são aspectos que compõe essa transformação. Ainda segundo o autor não existem mais tantos casamentos, aumentaram a união estável e as separações e divórcios nos últimos anos e, além disso, a estrutura familiar atual é composta de famílias monoparentais, famílias reconstituídas⁶ e as que as mulheres são as chefes do lar.

Segundo Casarin e Ramos (2007), a família “desempenha um papel decisivo na socialização e na educação. É na família que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os vínculos humanos” (p.184). Embora ainda haja muitos problemas familiares, o conceito popular da família atual passa a ser de interação, aprendizagem e afeto. A sociedade está mais atenta a algumas crueldades que antes eram vistas como banais, mas ainda sim há muito progresso pela frente.

4.3.5 Relacionamentos interpessoais

De acordo com Cruz (2016), um relacionamento interpessoal é uma relação entre duas ou mais pessoas. Os relacionamentos interpessoais mais conhecidos são relações que ocorrem no âmbito familiar, escolar, organizacional ou da comunidade. O indivíduo ao participar de um grupo ocupa um lugar social, assumindo um papel, sendo também capaz de transformar esse meio em que convive. Essas relações sociais apresentam uma cultura e história de anos de conhecimento, onde desde o primeiro momento em que o indivíduo assume um papel social é conferido a ele um estilo de agir e de falar (ZANELLA; PRADO FILHO; ABELLA, 2003).

Desde seu nascimento, o ser humano necessita de uma segunda pessoa para sua sobrevivência, ou seja, desde bebê já é pertencente a um grupo ou uma díade. Sendo que é comum que esse bebê continue participando de grupos ao crescer, pois os seres humanos necessitam de outros para sua própria

⁶ família composta por madrasta ou padrasto.

sobrevivência e bem-estar (LANE, 2006).

Na sociedade atual existem diversos modelos de grupos sociais com as mais variadas características. Esses grupos são pequenas organizações de indivíduos que, possuindo objetivos comuns, desenvolvem ações. Também é comum a existência de normas e regras, ao qual servem para o funcionamento do mesmo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Segundo Lane (2006), “desde o primeiro momento de vida, o indivíduo está inserido num contexto histórico, pois as relações entre o adulto e a criança recém-nascida seguem um modelo ou padrão que cada sociedade veio desenvolvendo e que considera correta” (p. 13). A autora explica que em todo grupo social é necessário a presença de um indivíduo que exerça determinado papel, como por exemplo, no caso de uma empresa, é necessário dois tipos de pessoas: os gestores e os funcionários para que esse grupo funcione de maneira adequada.

No Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, aconteceram grandes mudanças no cenário sociocultural. “Trata-se de mudanças profundas e permanentes, que dizem respeito à atividade produtiva e à organização do trabalho, aos processos educativos e de comunicação, até a socialização das novas gerações” (PETRINI, 2005, p.20). Um dos grandes marcos foram que devido a guerra às mulheres tiveram que adentrar ao mercado de trabalho, além da visível importância deste gênero em outros papéis sociais, pois a mulher passou a ser vista de igual a igual, salvo ainda alguns casos que essa luta de igualdade necessita de continuação.

No estudo de Fernandes et al. (2015) é claramente observado como as condições de trabalho e desmotivação profissional podem afetar os relacionamentos interpessoais entre profissional-cliente e profissional-profissional. De acordo com Fonseca et al. (2016), as empresas têm percebido como é importante promover um clima harmônico e incentivar os relacionamentos interpessoais, pois dessa forma o individualismo é reduzido e o comprometimento e responsabilidade dos colaboradores só aumentam.

Há algumas décadas, houve um tempo que as relações sociais eram fortalecidas ou finalizadas por correspondências. “As cartas entre amigos guardavam ternura, cumplicidade, confiança, ciúmes, diferenças, admiração e outros afetos próprios às relações amistosas” (MARTINS, 2016, p.66). Hoje em dia as palavras de afeto, assim como a manutenção dessas relações estão voltadas

mais para contexto tecnológico, como *whatsapp*, *instagram*, *facebook*, entre outros.

Rezende (2002) postula em sua obra que a amizade passa a ser vista após o século XVII como sentimento natural do ser humano, pois anteriormente a mesma era vista como um compromisso religioso de amor a Deus e ao próximo. Já na visão ocidental a amizade é fruto de escolhas. Souza e Hutz (2007, 2008) também estudaram sobre a amizade. Para eles, a amizade é caracterizada como um relacionamento muito essencial para os indivíduos, pois garante felicidade e bem-estar. Sendo definida também como um relacionamento entre pessoas que não são do ciclo familiar. Essa relação precisa ser voluntária e ter afeto entre ambos, além de ser um relacionamento de igualdade, reciprocidade e companheirismo, onde haja dedicação de ambas as partes.

Como qualquer outro relacionamento, a amizade também precisa que os indivíduos invistam seu tempo na relação, que haja compromisso e fidelidade em relação aos assuntos confiados aquele amigo. Mas nem tudo são flores, a amizade também tem seus aspectos negativos, como conflitos gerados pelo ciúme, desapego, conflito de interesses entre as partes, o que resulta no distanciamento emocional e até o rompimento do relacionamento (SOUZA; HUTZ, 2008).

De acordo com Martins (2016), estudos afirmam que os relacionamentos contemporâneos andam passageiros, marcados pelo distanciamento do outro, pela carência de afeto e pelo excesso de si mesmo. Essas relações são marcadas por indivíduos que desejam satisfação urgente e agilidade. A grande maioria das amizades atuais são baseadas em relações virtuais, o que segundo o autor “pode ser vista como risco à vinculação entre as pessoas” (p.69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs, como objetivo geral, descrever a dependência emocional dentro dos relacionamentos. Ao longo desta produção, foi abordado o transtorno da personalidade dependente e o apego. Entendendo os conceitos citados, observou-se toda a extensão que essa condição confere aos relacionamentos de um indivíduo e de que uma forma geral foram alcançadas as expectativas para esse assunto.

A dependência é vista na sociedade contemporânea com maus olhos, mas até onde a dependência de um indivíduo é saudável? Ser apegado às pessoas queridas é ruim? De uma forma geral, precisa se ter em mente que é necessário ocorrer um equilíbrio quando se trata da dependência na vida de uma pessoa, pois é praticamente impossível não depender de alguém no decorrer da vida. É como aponta o autor Riso (2015), que existe uma dependência saudável quando se depende momentaneamente de alguém, como em uma viagem de avião que é necessário depender-se do piloto.

Conforme os anos passam, a cada etapa alcançada é necessário que aconteça o desenvolvimento de autoconfiança e autonomia, para que no futuro a criança não cresça dependendo obsessivamente de alguém. Já ao que se refere ao apego, o apego seguro é um modelo saudável, pois na fase adulta a pessoa se torna autoconfiante e mais segura nos diferentes âmbitos de sua vida.

A dependência emocional não está vinculada apenas a relacionamentos amorosos, embora mais comum e discutido, mas em seus estágios mais graves é associada a todos os âmbitos da vida do indivíduo, pois o mesmo não se sente capaz de tomar nenhuma decisão sem buscar o auxílio do outro ou na maioria das vezes deixando a responsabilidade com o mesmo. Normalmente, pessoas dependentes tendem a ter uma figura de apego mesmo quando adultas.

A dependência por substâncias psicoativas também afetam os relacionamentos interpessoais, o que resulta numa dependência afetiva tanto por parte do adicto quanto a outra pessoa que convive com esse. Essa dependência leva ambos necessitarem um do outro quase que patologicamente, pois mesmo em meio ao sofrimento tentam convencer-se de que pelo amor vale a pena.

Teria relação o medo de ficar solteiro com a dependência? O indivíduo estaria disposto a depender de alguém apenas para ter uma relação amorosa? Durante os estudos foi observado que um indivíduo com TPD pode apresentar um

grande vazio dentro do seu íntimo, fazendo com que ele busque uma relação após a outra, após um rompimento ou luto. Isto pode estar relacionado ao próprio medo da solidão, caracterizando então, o medo de ficar solteiro.

No âmbito familiar, prevalece a incidência deste transtorno em pessoas que na infância eram muito protegidas e que não presenciaram frustrações. Nestes casos, na fase adulta elas transferem a dependência para um parceiro ou podem continuar dependendo de um dos pais. Também é visto o inverso, genitores que dependem emocionalmente de seus filhos e passam a controlá-los com medo de perdê-los.

Nos âmbitos sociais, o indivíduo tem insegurança em começar algum projeto ou necessita constantemente de aprovação, de conselhos para realizar determinado ato ou ainda para ajudá-lo resolver seus problemas cotidianos. Esses exemplos se tornam um problema quando se tornam excessivos, prendendo seu direito de escolha, sua liberdade emocional e independência.

Esse tema é muito relevante para a saúde mental e independência emocional dos indivíduos, pois em graus mais leves nem é percebido pela própria pessoa ou até por outros ao seu redor, o que pode estar relacionado ao fato que a vida em sociedade é imediatista e individualista, mas que mesmo assim, a maioria tem medo da solidão, do estar sozinho. Afinal, os seres humanos são seres sociais, certo? Mas o quão perigoso seria se permitir a fazer algo errado em prol de não perder alguém? Isso pode acontecer com pessoas dependentes, pois os pensamentos irracionais e o medo de perder são tantos, que na maioria das vezes nem percebem que estão tão dependentes de outra pessoa.

A intenção deste estudo foi abrir uma discussão para o que se torna saudável ou não quando se depende de alguém. É natural depender de uma única pessoa em toda sua vida? Ou sempre substituir uma pessoa, quando essa sai da sua vida, com intuito de nunca deixar aquele espaço vazio? Depender irracionalmente não é natural, não é amor. É prejudicial para seu crescimento e para sua independência. Como seres sociais, assim como uma teia, que é interligada, cada um fazendo sua parte, isso sim seria uma dependência saudável, pois seria conjunta, em prol de uma melhoria de um mundo melhor.

Esse estudo apresenta algumas lacunas que podem ser preenchidas por novas pesquisas sobre o tema e novas discussões. Assuntos das relações humanas precisam estar em constante observação, pois a cada momento a

sociedade se ajusta aos padrões que os indivíduos começam a perceber e permitam-se mudar.

A Psicologia como uma ciência das relações humanas e das particularidades individuais trabalha com a dependência emocional, tornando o indivíduo saudável e livre para escolher suas relações com segurança, autoconfiança e autoestima. Essa ciência também estuda as relações sociais e grupais, podendo atuar não apenas com indivíduos dependentes, mas casais que possam ter dependência emocional ou ainda reforçar a dependência neste conjugue.

REFERÊNCIAS

- ADAMCZYK, K.; SEGRIN, C. Direct and indirect effects of young adults' relationship status on life satisfaction through loneliness and perceived social support. **Psychologica Belgica**, 55(4). 2015. Disponível em: <https://www.psychologicabelgica.com/articles/10.5334/pb.bn/> acesso em: 14 outubro 2019.
- ALMEIDA, A. M. Família e história. Questões metodológicas. XVI Congresso Brasileiro de Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa. 2001.
- ALMEIDA, S.M.T. Ficar solteiro ou investir numa relação? Motivações e efeitos no bem-estar. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal, 2015). Acesso em: 14 outubro 2019.
- AUGUST, H.; ESPERANDIO, M. Teoria do apego: Origem, desenvolvimento e perspectivas. **Anais do Congresso ANPTECRE**, v. 05, 2015.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
- AZEVEDO, A.V. **Direito de família**. São Paulo: Atlas, 2013.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BASTOS, P; SANTOS, M; STEIN, S. Atendimento psicoterápico comportamental de uma mulher adulta com comportamentos característicos de dependência afetiva. **Comportamento em foco**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2014, p. 91-106.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, v. 13, 1999.
- BORGES, M. O amor no cérebro. **Revista de filosofia Princípios**, Natal, v. 22, 2015, n. 38, p. 125-135, maio-ago.
- BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 202 p.
- _____. **Apego e perda**. Perda: tristeza e depressão (Valtensir Dutra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 2004. (Original publicado em 1985).
- _____. **Apego**: A natureza do vínculo (A. Cabral, trad.). São Paulo, Brasil: Martins Fontes. 2002. (Obra originalmente publicada em 1969).
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRAOJOS, O.B. El apego adulto: La relación de los estilos de apego desarrollados en la infancia en la elección y las dinámicas de pareja. **Revista Digital de**

Medicina Psicosomática y Psicoterapia, v. 4, nº 1, 2014. Disponível em: https://www.psicociencias.org/pdf_noticias/Apego_Adulto.pdf acesso em: 23 junho 2020.

BRUNHARI, M. V.; MORETTO, M. L. T. O suicídio amoroso: uma proposição metapsicológica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 108-125 abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000100008 acesso em: 15 outubro 2019.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.7, n.1, p.77-101, jun. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso acesso em: 02 março 2020.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. 2ª ed. Artmed, 1995, p. 512.

CASARIN, N.E.F.; RAMOS, M.B.J. Família e Aprendizagem. Relato de Experiência. **Revista Psicopedagogia**. Porto Alegre. p. 182-201, 2007.

CHAPMAN, G. **As cinco linguagens do amor**. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. p.190.

COSTA, J. F. **Sem fraude, nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

CRUZ, R.M. A importância da Relação Interpessoal no Ambiente de Trabalho. **Psicologado**. 2016. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-organizacional/a-importancia-da-relacao-interpessoal-no-ambiente-de-trabalho> acesso em 26 agosto 2020.

DALBEM, J.; DELL'AGLIO, D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DEPAULO, B. M. **O melhor da vida solteiro/a**. Nova York: DoubleDoors Book. 2014.

DESCARTES, R. **Paixões da alma**. In V. Civita (Ed.), Descartes (Coleção Os Pensadores) (p. 223-304). São Paulo: Abril Cultural. 1973. (Trabalho original publicado em 1649).

DOWLING, C. **Complexo de Cinderela**. [Tradução de Amarylis Eugênia F. Miazzi]. 53 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

FEENEY, J. NOLLER, P. **Apego adulto**. Desclée de Brouwer. 2001. 180 p.

FERNANDES, et al. Relacionamento interpessoal no trabalho da equipe multiprofissional de uma unidade de saúde da família. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, vol. 7, n. 1, jan-mar., 2015, p. 1915-1926. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750945016.pdf> acesso em: 25 agosto 2020.

FISHER, H.; ARON, A.; BROWN, L. Romantic Love: An fMRI Study of a Neural Mechanism for Mate Choise. **Journal of Comparative Neurology**, 493, 58-62, 2005. Disponível em: doi: 10.1002/cne.20772 acesso em: 12 março 2020.

FONSECA, et al. Relacionamento interpessoal e trabalho em equipe: impactos num ambiente organizacional. XII Congresso Nacional de Excelência em Gestão e III INOVARSE – Responsabilidade social aplicada. 29 e 30 de setembro de 2016.

FONSECA, et al . Medo de Ficar Solteiro: Evidências Psicométricas e de Validade de uma Medida. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto , v. 25, n. 4, p. 1499-1510, dez. 2017 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tpsy/v25n4/2358-1883-tpsy-25-04-1499.pdf> acesso em: 30 setembro 2019.

FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos, Vol. 14). Rio Janeiro: Imago. 1987. (Originalmente publicado em 1915). Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf> acesso em: 18 outubro 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIUSTI, E. **A Arte de Separar-se**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOMES, A.A.; MELCHIORI, L.E. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GONÇALVES, E. Solteira, sem filhos: Menos que meia pessoa? **Mediações**, Londrina, v.22, 2017, n.2, p.479-509, jul-dez. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32264> acesso em: 23 agosto 2020.

GUIMARÃES, A. P. M.; NETO SILVA, M.C. A formação do self e a dependência afetiva: uma revisão bibliográfica da abordagem centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**. Belém, v.7, n.2, p.48-77, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912015000200004&lng=pt&nrm=iso> acesso em 30 maio 2020.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista mal-estar e subjetividade**. FORTALEZA: 2006. v. vi , n. 2, p. 396 – 425. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007 acesso em: 18 outubro 2019.

LANE, S. T. M. O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense, ed 22ª, 2006.

LAURENTI, C.; BARROS, M.N.F. Identidade: Questões conceituais e contextuais.

Revista de Psicologia Social e Institucional. Universidade Estadual de Londrina, v.2, nº1, junho 2020.

LIMA, R.; ALMEIDA, T. Relacionamentos amorosos e pós-modernidade: contribuições psicodramáticas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 24, n. 1, 52-60, 2016. Disponível em: DOI: 10.15329/2318-0498.20160007 acesso em: 21 outubro 2019.

MALDONADO, M. T. **Casamento: Término e Reconstrução.** Saraiva. São Paulo, 1995.

MARCONDES, M.V.; TRIERWEILER, M.; CRUZ, R.M. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2006, 26 (1), p. 94-105. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100009 acesso em: 19 outubro 2019.

MARTINS, J.M. “Meu caro amigo”: considerações sobre correspondência e amizade em tempos virtuais. **Estudos de Psicanálise.** Belo Horizonte, n.45, p.65-70, julho. 2016.

MASLOW, A. H. **A theory of human motivation.** Psychological Review, 50: 390-6,1943.

MELO, R. **Processo de Luto:** o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. 2004.

MORAL, M.V.; SIRVENT, C. Dependencias sentimentales o afectivas: etiología clasificación y evaluación. **Revista Española de Drogodependencias**, v.33, n. 2, 2008, p. 150-167. Disponível em: https://www.aesed.com/descargas/revistas/v33n2_2.pdf acesso em 10 maio 2020.

MOZZAQUATRO, C.O.; ARPINI, D.M; POLLI, R.G. Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. **Psicologia em Revista**, v.21, n.2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P333> acesso em 10 junho 2020.

PESSOAS com medo de tomar decisões sozinhas. Conheça o Transtorno de personalidade dependente. In: NeurologiaePsiquiatria TV, Dra. Maria Fernanda Caliani, publicado em 14 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bj817otaoEE> Acesso em: 26 agosto 2020.

PETRINI, J.C. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum**, 8, p.20-37, 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm> acesso em 22 agosto 2020.

PIZZANI et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da informação.** Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul/dez. 2012. Disponível em: DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896 acesso em: 30 maio 2020.

PLATÃO. **O Banquete.** 1ª ed. Editora Virtual Books, 2003.

PSICOLOGIAS DO BRASIL. A dependência emocional não existe somente entre casais. 2017. Disponível em: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/dependencia-emocional-nao-existe-somente-entre-casais/>> acesso 26 agosto 2020.

RAMIRES, V.; SCHNEIDER, M. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento *versus* Representação? **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, p. 25-33.

REZENDE, C. B. **Os significados da amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, 168p.

RISO, W. **Amar ou depender?** Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável. Tradução Marlova Aseff. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. **Desapegue-se**: como se livrar do que nos tira energia e bem estar. Tradução de Célia Regina Rodrigues de Lima. Amazon, 2015, p.151.

RODRIGUES, S.; CHALHUB, A. Amor com dependência: Um olhar sobre a teoria do apego. **O portal dos psicólogos**, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0155.pdf> acesso em: 11 março 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, vol. 20, 2007, n. 2, p. v-vi, abril-jun. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3070/307026613004.pdf> acesso em: 06 junho 2020.

RUBIN, Z. (1970). Measurement of romantic love. **Journal of Personality and Social Psychology**, 16(2), 265-273. Disponível em <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.452.3207&rep=rep1&type=pdf> acesso em: 20 outubro 2019.

RÜDIGER, F. O amor no século XX: Romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 24, n. 2, pp. 149-168, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v24n2/v24n2a08.pdf> acesso em: 20 outubro 2019.

SAMARA, E. M. O Que Mudou na Família Brasileira? Da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v.13, n. 2, p. 27-48, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso acesso em: 22 agosto 2020.

SANTANA, C.V. M. A família na atualidade: novo conceito de família, novas formações e o papel do IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família). 2015. 24f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Tiradentes UNIT, Aracaju, 2015.

SCHMITT, S.; IMBELLONI, M. Relações amorosas na sociedade contemporânea. Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf> acesso em: 23 outubro 2019.

SKINNER, B. F. **Walden II**: uma sociedade do futuro. 2. Ed. São Paulo: EPU, 2009.

SIRVENT, C. Las dependencias relacionales (D.R.): Dependencia emocional, codependencia y bidependencia. Resumos de Ponencias y Comunicaciones I Symposium Nacional sobre Adicción en la Mujer , Madrid, Espanha, 27-30, 2000. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/299634478_Las_dependencias_relacionales_dependencia_emocional_codependencia_y_bidependencia_Relational_dependencies_emotional_dependence_codependence_and_bidependence acesso em: 12 março 2020.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M.V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 15(2), 33-45. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=en&nrm=iso> acesso em: 20 outubro 2019.

SOPHIA, E.C. Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. A qualidade da amizade: adaptação e validação dos questionários McGill. **Aletheia**, núm. 25, jan-jun. 2007, p. 82-96. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013454007.pdf>> acesso em: 24 agosto 2020.

_____. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicologia em estudo.**, Maringá , v. 13, n. 2, p. 257-265, Jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000200008&script=sci_arttext acesso em: 24 agosto 2020.

SPIELMANN, et al. Settling for less out of fear of being single. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(6), 1049-1073. Disponível em: doi:<http://doi.org/10.1037/a0034628> acesso em: 23 outubro 2019.

STERNBERG, R. J. (1986). A triangular theory of love. **Psychological Review**, 93, 119-135. Disponível em: http://pzacad.pitzer.edu/~dmoore/psych199/1986_sternberg_trianglelove.pdf acesso em: 20 outubro 2019.

TAVARES, M.S. Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser soleira e solteiro em Aracaju e Salvador. Salvador, 2008, 389f. (Tese de Doutorado Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas).

TREVISAN, C. Solteira precisa reaprender a encontrar o par. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2950.shtml>>. Acesso em: 23 agosto 2020.

YOUNES, M. **Apego não é amor**: Como se libertar de relacionamentos ruins com a nova teoria do apego. Amazon. 201-. 73 p.

ZANELLA, A.V.; PRADO FILHO, K.; ABELLA, S.I.S. Relações sociais e poder em um contexto grupal: reflexões a partir de uma atividade específica. **Estudos de Psicologia**. 2003. p. 85-91. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17238.pdf>> acesso em 26 agosto 2020.

ZANIN, C. R.; VALERIO, N. I. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de personalidade dependente: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 81-92, jun. 2004.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000100009 acesso em: 20 junho 2020.

8 sinais de dependência emocional na amizade. In: Dra. Elizabeth Zamerul, publicado em 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=pE3IWVfGEl> > Acesso em: 26 agosto 2020.

ANEXOS



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Thalita Cristina dos Santos

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 01.09.2020

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **1,74%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **6,37%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **94,92%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
terça-feira, 1 de setembro de 2020 09:37

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **THALITA CRISTINA DOS SANTOS**, n. de matrícula **21188**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 1,74%. Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente